

Areias, 31,8,1907

Meu caro Rangel:

Em Areias\_ cheguei ontem\_ reenceto a velha prosa, mas faço-o enervado por um livro de genio, o *Crime e Castigo* de Dostoiewsky. Que coisa grande e informe é a literatura russa!... Dum livro francês sai-se como dum salão galante onde todos fazem filosofia amavel e se chocam adulterios. Dum livro inglês sai-se como dum garden-party onde ha misses vestidas de branco, zero peito e olhos de volubilis da bem azul. Dum livro alemão (alemão moderno, porque nos grandes antigos não é assim) sai-se contente\_ o inconciente contentamento do latino vicioso\_ contente com a brutal paspalhice do tenente Müller, com a arrogancia do feld-marechal von Bock, com a suficiencia feliz do Comandante Blatendorff, com o inapreensivel chiste das graçolas do major Frechutsbergen, com a inenarravel inocencia do anspeçada Kurtgraft\_ contente com o sorriso das gretchens coradas, de touca e carrinho nos jardins cheios de soldados em folga, contente com a dona de casa que faz bolos cõr de chocolate; contente com as meninas em idade de namoro que discutem pontos de higiene e comem salsichas com mostarda. Do alto da sua ultra requintada corrupção de raça faisandée o latino sorri contente de todas as manifestações alemãs, sempre higienicas, cientificas, gordurosas. Mas sair dum livro russo é sair dum pesadelo!

Não mais impressão ceptica ou finamente agradável, nem higienicamente cientifica\_ mas a formidavel impressão de quem põe o dedo na maquina infernal do Futuro. É tudo muito grande, desconforme, assimetrico, brontossaurico... Amedronta, esmaga. Exorbita do quadro comum das nossas concepçõesinhas caseiras de latinos.

Uma simples prisão na Russia é a Siberia. Uma simples menina é Sonia Perowskaia, é Annouchka. Um Ricardo Gonçalves lá é nihilista e já explodiu um tzar. Um general de brigada, um simples general de brigada, é Tropoff. Um chefe de estado, essa coisa tão simples, é o Tzar onipotente. Uma estação do ano, uma simples estação do ano, é o inverno de 1813, com os 600 mil homens de Napoleão congelados. Um simples prefeito é Rostopchine\_ e põe fogo em Moscou. Um padre, um simples padre Gazineu, é o pope Gapone. Um camponês, um simples "caboclo da roça", é um mujik com cincoenta mil piolhos na barba\_ e que piolhos! Um soldado, um simples soldado como os do destacamento de Areias, é um cossaco do Don\_ huno! Um crédo, qualquer coisa como a religião que o Nogueira queria fundar no Braz, é o Nihilismo\_ e dinamita o Tzar Alexandre! Um motim de rua, um "fécha" popular, é o massacre da perspectiva de Newsky!...

A França é um velho jardim classico. A Inglaterra é um gramado lindo. A Alemanha é uma horta cientifica, adubada com pós quimicos, bostas sinteticas, urinas duma

Werke. A Rússia é a Grande Esterqueira onde fermenta o Futuro\_ os futuros valores, os futuros pensamentos, os futuros moldes sociais, as futuras normas de tudo. Toda a literatura russa me dá a impressão disso. Creio que é um dos livros de Turguenef que termina falando simbolicamente na *terra negra*... É isso. A Rússia é a Terra Negra da Humanidade...

Não te posso dizer nada sobre *Crime e Castigo* porque não ha falar de coisas grandes com meios pequenos\_ com estas pulgas gloticas que são as “palavras em lingua portuguesa”, esse produtinho lá de Portugal, onde tambem fazem tamancos e palitos. A nossa analise está aparelhada com medidas francesas, decimais\_ um sistemazinho decimal de ideias. Não pode, pois, não tem jeito, não consegue dar ideia das coisas russas. Quando leio as outras literaturas, eu sinto isto e aquilo\_ sentimentos analisaveis e classificaveis. Quando leio os russos, eu pressinto. *Guerra e Paz!*... *Crime e Castigo!*\_ *Casa dos Mortos!*\_ Gorki\_ Gogol\_ Turguenef\_ todos...

Passei agosto em S. Paulo e não digo fazendo o que porque não me compreenderias. Nós só nos compreendemos (ou fingimos compreensão) quando, *bras dessous, bras dessus*, passeamos pelas aleias calmas do sibaritismo literario. Fora daí somos um para o outro a charada viva que um homem é sempre para outro homem. Nada te digo, pois, deste meu agosto d’aqui. Mas conto que o Ricardo lá se foi correr longes terras. Italia! Houve um botafora tremendo. As cabeças esquentaram-se no bar do navio e veiu o “fecha”. Quasi tiro. Quasi faca. Mas só correu cerveja e whiskey. Não estive lá. Contaram-me.

Quanta coisa nova! Coisas otimas do Becarri. Mas não cabem aqui. O papel chegou ao fim.

LOBATO